

HISTÓRIA E TRAUMA



Copyright © 2020, Fabiana de Souza Fredrigo; Ivan Lima Gomes (org.).

Copyright © 2020, Editora Milfontes.

Rua Carijós, 720, Lj. 01, Ed. Delta Center, Jardim da Penha, Vitória, ES, 29.060-700.

Compra direta e fale conosco: <https://editoramilfontes.com.br>

Distribuição nacional em: www.amazon.com.br

editor@editoramilfontes.com.br

Brasil

Editor Chefe

Bruno César Nascimento

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar (UFU)
- Prof. Dr. Arnaldo Pinto Júnior (UNICAMP)
- Prof. Dr. Arthur Lima de Ávila (UFRGS)
- Prof. Dr. Cristiano P. Alencar Arrais (UFG)
- Prof. Dr. Diogo da Silva Roiz (UEMS)
- Prof. Dr. Eurico José Gomes Dias (Universidade do Porto)
- Prof. Dr. Fábio Franzini (UNIFESP)
- Prof. Dr. Hans Ulrich Gumbrecht (Stanford University)
- Prof^a. Dr^a. Helena Miranda Mollo (UFOP)
- Prof. Dr. Josemar Machado de Oliveira (UFES)
- Prof. Dr. Júlio Bentivoglio (UFES)
- Prof. Dr. Jurandir Malerba (UFRGS)
- Prof^a. Dr^a. Karina Anhezini (UNESP - Franca)
- Prof^a. Dr^a. Maria Beatriz Nader (UFES)
- Prof. Dr. Marcelo de Mello Rangel (UFOP)
- Prof^a. Dr^a. Rebeca Gontijo (UFRRJ)
- Prof. Dr. Ricardo Marques de Mello (UNESPAR)
- Prof. Dr. Thiago Lima Nicodemo (UNICAMP)
- Prof. Dr. Valdei Lopes de Araujo (UFOP)
- Prof^a. Dr^a. Verónica Tozzi (Universidad de Buenos Aires)

FABIANA DE SOUZA FREDRIGO
IVAN LIMA GOMES
(*Organizadores*)

HISTÓRIA E TRAUMA

LINGUAGENS E USOS DO PASSADO



EDITORA MILFONTES

Vitória, 2020

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação digital) sem a permissão prévia da editora.

Revisão

Vanessa dos Santos Spagnul e Sílvia Aparecida

Capa

Imagem da capa:

Autor: não citado, logo, tenho declarado que não existe intenção de violação de propriedade intelectual

Semíramis Aguiar de Oliveira Louzada - *Aspectos*

Projeto Gráfico e Editoração

Barbara Lima Silveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673 História e Trauma: Linguagens e Usos do Passado/ Fabiana de Souza Fredrigo; Ivan Lima Gomes (Organizadores).
Vitória: Editora Milfontes, 2020.
384 p.: 23 cm.

ISBN: 978-65-86207-48-4

1. História 2. Trauma 3. Memória I. Fredrigo, Fabiana de Souza II. Gomes, Ivan Lima III. Título.

CDD 901.02

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Formas de narrar o trauma: perspectivas historiográficas..... 9

Fabiana de Souza Fredrigo & Ivan Lima Gomes

I

PERSPECTIVAS TEÓRICAS

Traumatropismos: do trauma ao sublime pela via do testemunho? 29

Dominick LaCapra

A memória traumática da Europa..... 71

Henry Rousso

II

NARRATIVA E MEMÓRIA SOBRE A VIOLÊNCIA POLÍTICA NA AMÉRICA LATINA: LUTO E ELABORAÇÃO

Linhas de memória: testemunhos gráficos e estratégias narrativas..... 81

Jorge Montealegre Iturra

O nascimento democrático e a partilha geracional: literatura, trauma e utopia em Alejandro Zambra 99

Fabiana de Souza Fredrigo

Pós-memória e narração do passado em: *O espírito dos meus pais continua a subir na chuva* 133

Alexandre de Sá Avelar

Políticas e práticas de esquecimento em um país sem memória: enredamentos da ditadura militar no Brasil..... 161

Julio Bentivoglio

Do revisionismo ao negacionismo: pensando uma escrita da história crítica como resistência ao apagamento 183

Márcio Seligmann-Silva

Violência e trauma: a autobiografia de um menino-soldado no Sendero Luminoso 207

Libertad Borges Bittencourt

III

VISUALIDADES E PERFORMANCES TRAUMÁTICAS DE ARQUIVO

Pavimentar o chão comum: a utopia melancólica na obra de Doris Salcedo..... 237

Ana Lucia Oliveira Vilela

“A arte como um funeral”: o quadro *Segunda vítima*, de Siron Franco, sobre o acidente com o césio-137, em Goiânia..... 259

Eliézer Cardoso de Oliveira

***A guerreira está cansada, mas não está morta*: a experiência da fotógrafa Rosa Gauditano entre as comunidades indígenas no Brasil (1989-2018) 281**

Ana Maria Mauad

As concubinas do Kaiser: Re-cordando mulheres africanas na eugenia e no genocídio..... 313

Pedzisi Maedza

**A estética kirbyana e o trauma espacial: geometria barroca de o
Quarto mundo 349**

Alexandre Linck Vargas

Sobre os autores 377



INTRODUÇÃO

FORMAS DE NARRAR O TRAUMA: PERSPECTIVAS HISTORIOGRÁFICAS

Fabiana de Souza Fredrigo

Ivan Lima Gomes

Em *Metahistory* e *Tropics of Discourse*, Hayden White instiga os historiadores a repensar nas articulações entre narrativa e representações do passado.¹ O mérito de suas obras pioneiras está em examinar de que forma os elementos linguísticos operam na abordagem de determinadas dimensões do passado equacionando soluções narrativas singulares. Ao longo dos anos, a recepção dos trabalhos de White suscitou vigorosa reflexão, abrindo caminhos que colocavam em xeque os procedimentos de análise e escrita historiográfica. Tal abertura conduziu o campo histórico ao rompimento com um falso dilema, o de localizar-se entre ciência ou ficção, lócus tomados como dicotômicos. Se concordamos com o fato de que o falso dilema conformava o resultado da operação historiográfica a métodos rígidos, em alguns casos, e estreitos, em outros, o rompimento concretizou um movimento inovador. A partir de então, a escrita sobre o passado buscava conjugar consciência narrativa e rigor do método historiográfico, assumindo, conjuntamente, o papel criativo com vistas a superar as lacunas do texto acadêmico.

Em meio à constante reformulação teórica e prática do campo histórico, o universo das artes convida-nos a ampliar tais reflexões ao enredar a interpretação do passado às lógicas de sentido presentes em cada linguagem artística. Fornece-nos também pistas sobre como uma dada obra poderia – ou deveria – ser lida e interpretada num determinado contexto, consentindo que não ditos e silêncios passem a

¹ Os leitores brasileiros tiveram de aguardar mais de vinte anos pelas primeiras edições das duas obras. Cf. WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: Edusp, 1995; *Idem. Trópicos do discurso*. São Paulo: Edusp, 2001.

ser uma experiência compartilhada e discernível. Ora, se a experiência é condição vital para nos construirmos como seres no tempo, torna-se inevitável apreendermos o passado, conforme representado narrativamente, como elemento norteador da vida humana.² E as artes permitem alcançar facetas do passado até então sublimadas, recalçadas e materializadas em interditos.

Por um lado, comum a todas as escritas é o convite para que o historiador se aventure na análise das múltiplas narrativas que envolvem o passado, como as artes plásticas, a fotografia, a história em quadrinhos e a literatura. Por outro, temas relacionados ao trauma, testemunho, luto, esquecimento e silêncio mostraram-se profícuos às interrogações desejadas, tanto por sua inerência à manifestação artística quanto por ser consenso pensá-los como desafios à própria narrativa. Tendo em vista esses dois pressupostos, foi possível abarcar soluções e caminhos estéticos que tensionam a linguagem a abordar interditos e a expressar silêncios e angústias em torno do tempo que passou.

O temário brevemente apresentado encontra-se no cerne da historiografia contemporânea, sobretudo ao considerarmos a obra e a trajetória daquele que, para muitos, é tido como o expoente do paradigmático projeto *annaliste*, Marc Bloch. Já em 1914, o historiador francês reivindicava a relação entre pesquisa histórica e testemunho. Sempre atento às especificidades do conhecimento histórico, enfatizava, porém, que “as testemunhas não são todas sinceras nem suas memórias sempre fiéis, de forma que não nos é possível aceitar qualquer depoimento sem controle”.³ Longe de tomar a infidelidade testemunhal como um entrave, Bloch requeria o rigor da crítica histórica e erudita para controlar e assumir a dimensão testemunhal como etapa central na operação historiográfica.

Marc Bloch, porém, viu-se diante de duas devastadoras guerras mundiais que, mesmo mantendo intacta sua confiança na relevância do conhecimento histórico produzido segundo preceitos metodológicos bem definidos, provocaram nele um esforço por repensar as relações entre história e memória. Seus diários de guerra, escritos entre 1914

2 Cf. CARR, David. *Time, Narrative and History*. Bloomington/Indianapolis: Indiana University Press, 1986.

3 BLOCH, Marc. Crítica histórica e crítica do testemunho (1914). In: BENTIVOGLIO, J.; OLIVEIRA, J. M. (org.). *Marc Bloch: que pedir aos historiadores?* Vitória: Editora Milfontes, 2019, p. 57.

e 1918, e *Souvenirs de guerre*, redigido em 1917 rememorando acontecimentos de 1915 e 1916, trazem a necessidade de lembrar para não esquecer. Para Lyon, a Primeira Guerra Mundial transformou a visão de História de Bloch, posto que o historiador – ao conviver, entre outros, com camponeses, mineiros, trabalhadores de minas, cujo contato estabelecido até então fora mínimo – verifica que se encontrava num mundo onde os conflitos se resolviam por tiros e não por palavras.⁴ Visto ser a História, naquele momento, tomada por ele como uma ciência “experimental em desenvolvimento”, a Grande Guerra seria o “ensaio” a possibilitar ao historiador o aprimoramento de seu laboratório.⁵

Mais tarde, novamente aquartelado, o autor aprofunda a relação entre a memória e o ofício do historiador, quando se põe a escrever um testemunho para compreender as razões que levaram a França à Ocupação. Em *A estranha derrota*, obra redigida em 1940, Bloch apresenta-se como “modesto ator”, seguindo as pistas deixadas pelo cotidiano vivido:

Não relato aqui minhas lembranças. As pequenas aventuras pessoais de um soldado entre tantos têm, neste momento, pouquíssima importância, e temos outras preocupações além das graças do pitoresco ou do humor. Mas um testemunho precisa de um estado civil. Antes mesmo de relatar o que vi, seria conveniente dizer com que olhos vi. [...] Pois sempre pensei que o dever primeiro de um historiador, como dizia meu mestre Pirenne, é se ‘interessar pela vida’. A atenção particular que dediquei, em meus trabalhos, à questão rural acabou por me convencer de que sem contemplar o presente é impossível compreender o passado; para um historiador das coisas do campo, ter bons olhos para observar as formas do terreno não é menos indispensável do que certa aptidão para decifrar velhos alfarrábios. São esses mesmos hábitos de crítica, de observação e, espero, de honestidade que tentei aplicar ao estudo dos trágicos acontecimentos nos quais acabei sendo um modesto ator.⁶

As premissas que viemos discutindo encontram-se costuradas na citação: a validade do testemunho se testa, sobretudo, pelo escrutínio. Tendo estado civil, torna-se identificado nas ordens pública e privada, constituindo para si direito de lugar e ação política. No caso daquele que testemunha, os hábitos de crítica e de observação são relevantes para decifrar o passado e o futuro (do pretérito). Rigor e controle estão

4 LYON, Bryce. Marc Bloch: historian. *French Historical Studies*, v. 15, n. 2, p. 198, 1987.

5 YAMASHITA, Jougi G. *As guerras de Marc Bloch: nacionalismo, memória e construção da subjetividade*. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, 2016, p. 82.

6 BLOCH, Marc. *A estranha derrota*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 11-12.

presentes, inclusive, quando o autor confessa que “não pretendo, de forma alguma, escrever uma história crítica da guerra, nem mesmo da campanha do Norte”.⁷ O que se segue à confissão não deixa engano: o motivo que demarcava a especificidade do relato – um “exame de consciência” e não uma história crítica – era a falta de documentação. Todavia, escrever, testemunhar era, também, produzir documentação e lançar luz ao ocorrido para que não se sobrepusesse à nação a “espécie de psicose da afetividade coletiva”, destinada aos militares vencidos.⁸

Por fim e não menos importante, a conclusão da derrota: “Nossos chefes, ou os que agiam em seu nome, não souberam pensar a guerra. Em outros termos, o triunfo dos alemães foi essencialmente uma vitória intelectual”.⁹ Em nome da precisão argumentativa, Bloch acrescenta: “uma característica decisiva entre nós opõe a civilização contemporânea àquelas que a precederam: desde o início do século XX, a noção de distância mudou radicalmente”. Assim, em seu entendimento, enquanto os franceses experienciaram um retorno ao passado, guerreando à moda colonial, os alemães apresentaram “a guerra de hoje, sob o signo da velocidade”. Havia, portanto, uma incapacidade intelectual para atinar o ritmo da nova era. Em nota, Marc Bloch transcreve, para desenvolvimento futuro, um trecho da obra de Charlesworth: “Hoje em dia os homens devem tomar decisões com uma prontidão que deixaria nossos antepassados boquiabertos”.¹⁰ O testemunho registra o exame cotidiano, mas o historiador, certamente, esperava fazer uma revisão do escrito à luz da consulta bibliográfica e documental; no que foi impedido, como sabido.

Toda a explanação de *A estranha derrota* confirma duas principais reivindicações de Bloch: uma, a de que a compreensão sobre o passado amplie-se com a formulação de perguntas ancoradas na experiência presente; a outra, a da narrativa testemunhal como etapa da operação historiográfica, observado o rigor metódico. Marcado pela mudança cultural em tempo rápido e pela dessacralização do orgulho bélico francês, o testemunho de Bloch sustenta um tempo que ultrapassa o vivido, a memória sobre o vivido e o futuro do

7 BLOCH, Marc. *A estranha derrota...* Op. cit., p. 41.

8 *Ibidem*, p. 33.

9 *Ibidem*, p. 42 et seq.

10 CHARLESWORTH, Les routes et le trafic commercial dans l'Empire Romain. *apud*. BLOCH, Marc. *A estranha derrota...* Op. cit., p. 42.

pretérito que, oportunamente, aquela circunstância permitia aventar. Um quarto tempo não pôde ser controlado pelo historiador, mas, de todo modo, seu testemunho funcionou como o núcleo de um reator: referimo-nos à tardia acolhida pública do testemunho, cuja motivação, indubitavelmente, esteve relacionada ao trauma da Ocupação. A explicação da derrota não se resumia à história militar da guerra e suas evoluções; exigia, ademais, decifrar a natureza da rendição da França republicana aos ideais imperiais e antisemitas. Tempos se entrelaçam anunciando as intempestivas relações entre memória e história. A dimensão testemunhal se encarregava de fazer história, congregando problemas a serem avaliados metodicamente em etapa subsequente.

Na segunda metade do século XX, a travessia incitada pelas indagações advindas das duas guerras prosseguiria. Assim, atormentado e longo, foi o equacionamento da relação entre narrativa e representação da experiência. Podemos registrar sua emergência na hoje clássica provocação de Adorno sobre Auschwitz e os limites da narrativa, cujo propósito era demarcar uma inflexão. Nesse caso, o pressuposto baseava-se no fato de que a experiência não cabia na narrativa, não somente porque a primeira era inapreensível pela segunda, mas porque era urgente vincular a crítica à violência extrema à crítica política da cultura.¹¹ Após intervenções substantivas dos pensadores da Escola de Frankfurt, alcançou-se, em um segundo e aprofundado exame crítico, a superação de um *pathos* melancólico e a-histórico. Passou a se advogar, assim, a reflexão sensível sobre as possibilidades críticas da narrativa para a representação da experiência; é o que defende o *trauma studies*, na acepção de LaCapra. Fruto de variadas ponderações, esse campo, interessado pela memória traumática, concretizou-se, vinculando áreas interdisciplinarmente. Nesse sentido, a discussão em torno da narrativa e das representações traumáticas afirma uma contribuição distintiva, considerando, ainda, o bom acúmulo de pesquisas, nacional e internacionalmente. Apesar disso, pouco se examina o papel peculiar das representações do passado ao lidar, desde o ponto de vista das artes, com temas sensíveis a contextos históricos específicos.

No caso brasileiro, antes mesmo de se afirmar a contribuição distintiva mencionada, é fundamental demarcar o caminho singular

11 GINZBURG, Jaime. Theodor Adorno e a poesia em tempos sombrios. *Alea: Estudos neolatinos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 61-69, jan./jul. 2003.

da historiografia nacional. De forma geral, uma dispersão caracteriza a produção acadêmica em torno de temas como trauma, luto e melancolia. Com essa afirmação, pretendemos fazer notar que a recepção do *trauma studies* no Brasil pontua um diferencial com o realizado, há mais tempo, por uma corrente que encontrou amplo espaço nos estudos históricos em nosso país, a história cultural. Por um lado, à história cultural concerniam investigações que dialogavam com o trauma, o luto e a melancolia; por outro, não há como desconsiderar a peculiaridade de tratamento teórico-metodológico a tais temas. Embora não seja única, a distinção que importa ao argumento desenvolvido é que a história cultural subordina tais questões aos estudos históricos consolidados a partir de outros âmbitos, a saber: a memória histórica, as representações políticas e culturais e as identidades. Essa subordinação explica a dispersão temática, ao mesmo tempo em que afirma um lugar exclusivo para o *trauma studies*. É desse lugar exclusivo que esta coletânea aborda o tema: o trauma e suas expressões artísticas assumem centralidade. Nesse sentido, a pergunta mobilizadora que norteou a escrita dos textos e a organização da coletânea pode assim ser resumida: do ponto de vista historiográfico, como são urdidas as tramas das linguagens artísticas, considerando as narrativas traumáticas?

A opção pela análise das mediações da linguagem na reelaboração de experiências traumáticas permite ressaltar a historicidade da produção testemunhal. Elas mudam em relação a contextos históricos, mas também a partir das contingências e do horizonte aberto àqueles que se aventuram em cada narrativa – audiovisual, ilustrada, fotográfica, literária, etc. Tais produções, por sua vez, obtêm alcance que perpassam gerações, sendo reelaboradas conforme preceitos cruzados, fundidos na herança traumática do passado e/ou no ato de rompimento em que a criação eclode. Ao representarem esteticamente o testemunho, distanciam-se da arena jurídica, apropriada ao tribunal, e se aproximam do campo das sensibilidades artísticas, que enveredam pela memória coletiva e se plasam nela.¹² Em suma, conforme afirma Andreas Huyssen:

Não requer muita sofisticação teórica para ver que toda representação – seja na linguagem, narrativa, imagem ou som gravado – é baseada na memória. [...] O passado não está simplesmente lá na memória, mas deve ser articulado para se tornar memória. A fissura que se abre entre viver a

12 Cf. HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. 2 ed. São Paulo: Centauro, 2013.

experiência de um evento e lembrá-lo na representação é inevitável. Em vez de lamentar ou ignorar, essa divisão deve ser entendida como um poderoso estimulante para a criatividade cultural e artística.¹³

Considerando tais mediações, torna-se possível examinar o testemunho produzido por uma segunda geração, cujo acesso a acontecimentos traumáticos já não ocorre por via direta, mas por representações cultivadas pela geração anterior. É o que defendem Alison Landsberg e Marianne Hirsch, por exemplo.¹⁴ Sob diferentes matizes, ao sugerirem, respectivamente, categorias como as de “memória protética” e “pós-memória” para discutirem a transmissão intergeracional da experiência traumática, as autoras enfatizam as dimensões estéticas e afetivas presentes em temas como trauma e testemunho. Nesse sentido, as retransmissões geracionais passam a avocar um caráter essencialmente ético e político: afinal, em que medida uma experiência traumática contribui para configurar um grupo social de uma determinada maneira?

Se pensarmos as narrativas traumáticas como *performances* da memória, o ato de rememorar esteticamente um testemunho traumático é assumido não como um fardo que estabelece *a priori* um peso desconectado da responsabilidade sobre uma geração, mas como uma condição ontológica do ser no mundo que, por meio de mediações artísticas, incita à ação e à reflexão.¹⁵ Em diálogo com Levinas, defendemos a ideia de que o sujeito se constitui a partir de uma profunda responsabilidade pelo Outro, infinito em sua composição. Por constituir-se fora do ser, o Outro não se reduz a este, o ser; reconhece, por sua vez, a impossibilidade de apossar-se do Outro – via repetições ou frustrações – e deseja o Outro como um fora de si que lhe confere um sentido aberto ao futuro, ao vir a ser. Por isso, trata-se de uma relação que pressupõe uma ética da responsabilidade perante a experiência do Outro.¹⁶ A ética é, para Levinas, uma “ótica a que tudo precede”.¹⁷

13 HUYSEN, Andreas. *Twilight memories: marking time in a culture of amnesia*. New York/London: Routledge, 1995, p. 2 *et seq.*

14 Cf. LANDSBERG, Alison. *Prosthetic memory: the transformation of American remembrance in the age of mass culture*. New York: Columbia University Press, 2004; HIRSCH, Marianne. *The generation of postmemory: writing and visual culture after the Holocaust*. New York: Columbia University Press, 2012.

15 NEALON, Jeffrey. *Alterity Politics*. Durham: Duke University Press, 1998, p. 169.

16 Cf. LEVINAS, Emmanuel. *Ética e infinito*. Lisboa: Edições 70, 2010.

17 *Idem*. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70, 1988, p. 15.

Organizamos a coletânea amparados por problemas bastante concretos: as representações do trauma e do testemunho e suas ressonâncias no interior do debate mais amplo sobre história e narrativa; a relação entre trauma, testemunho e linguagem; as mediações estéticas na representação do trauma; e a historicidade da experiência do testemunho. Como toda produção intelectual, uma coletânea segue trajetos definidos ao longo do processo, constitutivos de sua organicidade interna. No entanto, ao concluirmos a leitura e a organização dos artigos deste volume, chamaram-nos a atenção dois pontos fundamentais.

O primeiro ponto é mais evidente e, por isso mesmo, de fácil associação. Aludimos às escolhas estilísticas dos autores que integram a coletânea. Uma escrita peculiar marca todos os textos, havendo ora uma clara propensão ao ensaio, ora ao texto incisivo, com um discurso que se aproxima dos recursos do jornalismo para se fazer valer da rapidez, fluência e contundência argumentativas, sem perder o rigor, caro àquele que assume a experiência histórica como objeto de investigação. O resultado de tais escolhas são textos leves, rápidos e fortemente marcados pelo tempo presente e/ou textos longos, que primam pelo diálogo interdisciplinar e por considerações prospectivas em vez de conclusões cartesianas. Se, para Peter Gay, “o estilo é a arte da ciência do historiador”,¹⁸ nesta coletânea especialmente, ele expressa uma tentativa deliberada de escapar às lacunas impostas por certo tipo de escrita histórica que, convencionalmente, faz do método o que ele não é ou deve ser: uma camisa de força. Mais relevante ainda é notar que o estilo manifesta o desejo de comunicar o movimento criativo, uma vez que os autores lidam com expressões artísticas que não podem ser examinadas restritivamente. Capturar a narrativa de tais expressões significa ultrapassar as tradicionais metodologias que permeiam as escritas históricas. Se o meio pressupõe a forma, esta coletânea, dada a marca interdisciplinar do campo em que se enquadra, viu-se aberta a formulações argumentativas inesperadas. Portanto, os autores realizaram o movimento inovador anunciado nas primeiras linhas desta introdução, convém repeti-lo: conjugaram consciência narrativa e rigor do método historiográfico, assumindo papel criativo com vistas a superar as lacunas do texto acadêmico. Em resumo, os artigos reunidos

18 GAY, Peter. *O estilo na História*: Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 196.

admitem o trauma – e os temas a ele associados – como um efetivo desafio à narrativa historiográfica, propondo abordagens que permitam aproximações interdisciplinares.

O segundo ponto que nos chamou a atenção considera a relação entre a configuração de um campo e um tema canônico. Na bibliografia sobre trauma e testemunho, é quase impossível escapar do debate sobre o Holocausto e a Segunda Guerra Mundial. Obras inteiras se organizam em torno desses temas. Eles são a “linha divisória do nosso tempo” e seguem desenvolvendo-se ativamente na vida política e cultural contemporânea.¹⁹ Para Wieviorka, tais processos contribuíram para configurar o século XX como uma “era do testemunho”, marcada pela afluência desse tipo de registro em espaços públicos.²⁰ Logo, produções artísticas e literárias afirmaram-se no interior do *trauma studies* – o conjunto da obra de Primo Levi; *Shoah*, de Claude Lanzmann; *Maus*, de Art Spiegelman; entre outros²¹ –, conduzindo pesquisadores à análise de temas como narrativa, trauma e mediações estéticas sobre o ato de testemunhar. O conjunto de tais obras se constitui referência fundamental para o estudo do trauma, a ponto de organizar um temário canônico em torno do Holocausto.²² Cabe, porém, refletir acerca do fato de que os artigos que compõem esta coletânea, com exceção dos que integram o primeiro eixo, se dedicam a contextos como as Américas e África. Ao assumirem amplamente as desafiantes considerações teóricas e historiográficas de Chakrabarty, os artigos aqui reunidos podem ser lidos, em conjunto, como uma forma de problematizar uma narrativa dos acontecimentos traumáticos do século XX, centrada, única e exclusivamente, no Holocausto, e que interpreta os processos

19 FELMAN, Shoshana; LAUB, Dori. *Testimony: Crisis of witnessing in Literature, Psychoanalysis, and History*. New York: Routledge, 1992, p. XIV.

20 WIEVIORKA, Annette. *The era of the witness*. Ithaca/London: Cornell University Press, 2006, cap. 3, p. XI-XII.

21 Cada obra mencionada conta com um acúmulo de reflexão acadêmica que excede o alcance desta nota. Uma boa análise de tais obras em conjunto, a partir do debate sobre trauma, linguagem e História, encontra-se em: Cf. LACAPRA, Dominick. *History and Memory after Auschwitz*. Ithaca/London: Cornell University Press, 1998.

22 Vale citar uma passagem do livro de James Young, um dos primeiros esforços de sistematização crítica do conjunto da produção literária e audiovisual relativa ao Holocausto: “a história literária também deve, assim como a História responsável, explicar a maneira pela qual suas suposições críticas moldaram o cânone e conduziram os críticos às suas conclusões a respeito dele. O próximo passo, portanto, é cultivar uma consciência da linguagem crítica e dos modelos pelos quais interpretamos eventos tais como eles existiram no tempo histórico e em seus textos”. YOUNG, James. *Writing and rewriting the Holocaust: narrative and the consequences of interpretation*. Bloomington/Indianapolis: Indiana University Press, 1990, p. 190.

subsequentes à luz deste, sujeitando sua dinâmica a um acontecimento anterior. Parafrazeando o importante livro de Chakrabarty, não seria possível “provincializar o Holocausto”?²³

Três eixos temáticos fornecem estrutura à presente coletânea: (I) Perspectivas teóricas; (II) Narrativa e memória sobre a violência política na América Latina: luto e elaboração; (III) Visualidades e performances traumáticas do arquivo.

O primeiro eixo agrega reflexões de caráter teórico, cujo objetivo é explicitar problemas colocados no campo histórico – e em suas adjacências. Abrimos essa seção com Dominick LaCapra, autor que, ao lado de Hayden White, a despeito de diferenças significativas entre ambos, contribuiu para o aprofundamento das relações entre teoria literária e história cultural.²⁴ Enquanto não há estudos sobre a recepção da obra de LaCapra no Brasil, Hayden White é, seguramente, um dos autores de mais controversa recepção crítica em nosso país.²⁵ Nesse sentido, a coletânea busca preencher uma lacuna, com a tradução de

23 Cf. CHAKRABARTY, Dipresh. *Provincializing Europe: postcolonial thought and historical difference*. Princeton: Princeton University Press, 2000.

24 Cf. KRAMER, Lloyd S. Literature, Criticism, and Historical Imagination: The Literary Challenge of Hayden White and Dominick LaCapra. In: HUNT, L. (org.). *The new cultural history*. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1989, p. 97-128.

25 Até o momento em que escrevemos estas linhas, Dominick LaCapra conta com três artigos traduzidos em revistas acadêmicas brasileiras. Cf. LACAPRA, Dominick. História e Romance (1985). *Revista de História*, IFCH-Unicamp, n. 2, p. 107-124, 1991; *Idem*. Retórica e História (1985). *Territórios e Fronteiras*, v. 6, n. 1, jan./jul. 2013; *Idem*. O queijo e os vermes: o cosmos de um historiador do século XX. *Topoi*, v. 16, n. 30, p. 293-312, jan./jul. 2015. Estudos publicados no Brasil sobre sua obra ainda são poucos. Cf. BERBERT JUNIOR, C. O. Texto, contexto e dialogismo na obra de Dominick LaCapra. In: GONÇALVES, A. T. et al. *Escritas da história: intelectuais e poder*. Goiânia: Editora da UCG, 2004, p. 53-70; AZEVEDO, Célia. A nova história intelectual de Dominick LaCapra e a noção de raça. In: RAGO, M.; GIMENES, R. (org.). *Narrar o passado, repensar a História*. 2 ed. Campinas: IFCH/Unicamp, 2014, p. 121-132. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/publicacoes/pf-publicacoes/squid_livro-ideias-2-2a.edicao.pdf. Acesso em: 18 ago. 2020; PINTO, Aline M. Dominick LaCapra: textualidade, empatia e trauma. In: BENTIVOGLIO, J.; AVELAR, A. (org.). *O futuro da História: da crise à reconstrução de teorias e abordagens*. Vitória: Editora Milfontes, 2019, p. 155-178. Por sua vez, a introdução da obra de Hayden White, no Brasil, tem sido mais bem trabalhada nos últimos anos. Cf. FRANZINI, Fábio. Mr. White chega aos trópicos: notas sobre Meta-história e a recepção de Hayden White no Brasil. In: BENTIVOGLIO, J.; TOZZI, V. (org.). *Do passado histórico ao passado prático: 40 anos de Meta-história*. Serra: Milfontes, 2017, p. 329-344. E foi objeto de um dossiê na revista *ArtCultura*, organizado por Arthur Lima de Ávila e intitulado “Hayden White: reflexões contemporâneas”. Cf. ÁVILA, Arthur Lima de (org.). Hayden White: reflexões contemporâneas. *ArtCultura*, v. 20, n. 37, p. 7-65, jul./dez. 2018. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/issue/view/1800>. Acesso em: 18 ago. 2020.

“Traumatropismos. Do trauma ao sublime pela via do testemunho?”. Esse capítulo foi originalmente publicado em *History and its limits: human, animal, violence*, livro de 2009, ainda inédito no país. Escrito como ensaio, formato privilegiado por LaCapra ao longo de sua carreira, em “Traumatropismos”, o autor se debruça sobre o conjunto da produção mais recente no campo do *trauma studies*, opondo-se criticamente a certa tendência em tratar o testemunho de experiências traumáticas como expressões a-históricas do sublime. Tal abordagem, estetizante e transcendental, apresenta, segundo LaCapra, limites éticos e políticos bastante claros; caminha contra a possibilidade de elaboração (*working through*) da experiência traumática e aponta para uma mera “abjeção” no horizonte da testemunha.

Em texto inédito, Henry Rousso parte da Europa e de seu contexto político contemporâneo, delimitado pela ascensão de governos populistas e nacionalismos imersos numa União Europeia cada vez mais contestada, para realizar um debate sobre o papel do Holocausto como evento histórico fundador de uma memória europeia. Escrito em linguagem incisiva que se aproxima dos recursos jornalísticos, “A memória traumática da Europa” debate as tensões presentes na adoção da “memória negativa” do Holocausto para a construção de uma identidade europeia e, provocativamente, questiona os desafios em seguir adotando-a nos dias de hoje. Tomar o evento em questão como paradigmático implica, sem dúvida, reconhecer e, em última instância, problematizar em que medida a memória do Holocausto se impõe como modelo definitivo para a construção da memória de eventos traumáticos.

O segundo eixo, Narrativa e memória sobre a violência política na América Latina: luto e elaboração, conta com seis textos que lidam com os seguintes espaços nacionais: Brasil, Argentina, Chile e Peru. Cinco deles tratam das ditaduras militares no Cone Sul e um se dedica à formação guerrilheira no Sendero Luminoso. A menção aos espaços nacionais, entretanto, não obstaculiza a circulação entre os temas e as propostas dos artigos, redimensionando o exame sobre a violência política traumática no continente, a partir das suas expressões na literatura, autobiografia e imprensa. Nos textos que compõem o segundo eixo, é, sobretudo, a palavra a matéria-prima reveladora do trauma.

Em “Testemunhos gráficos e estratégias narrativas: do mito de Tereu e Filomela à prisão política e novela gráfica”, Jorge Montealegre, apreendendo o testemunho como discurso híbrido em sua realidade textual, explora experiências testemunhais registradas em expressões diversas: o testemunho gráfico (as novelas gráficas), os diplomas/certificados conseguidos em atividades realizadas nas prisões políticas chilenas, as epístolas, os desenhos, os poemas, os retratos e as caricaturas expostos nos murais cultivados pelos prisioneiros da ditadura pinochetista.

Os textos de Fabiana de Souza Fredrigo e de Alexandre Avelar – “O nascimento democrático e a partilha geracional: literatura, trauma e utopia em Alejandro Zambra” e “Pós-memória e narração do passado em *O espírito dos meus pais continua a subir na chuva*”, respectivamente – comunicam-se por meio das reflexões geracionais que levam à problematização em torno da pós-memória e dos traumas coletivos. Enquanto a primeira retoma o Chile de Pinochet na literatura de Alejandro Zambra, o segundo analisa o romance de Patrício Pron e a memória da ditadura argentina. Ambos se aproximam do universo íntimo envolvendo pais e filhos, e se verifica que a escrita dos textos se nutre pela confluência entre ficção e historicidade. A literatura é abordada como campo de experiência narrativa para a representação do passado, capacitada, também, a apontar à historiografia os índices das leis de arquivo e os dilemas da escrita histórica.

Júlio Bentivoglio, com “Políticas e práticas de esquecimento em um país sem memória: enredamentos da ditadura militar no Brasil”, intenciona explicitar as práticas de esquecimento, uma vez que a tese central de seu texto é a de que essas emergem sustentadas por políticas deliberadas,

por meio das quais determinados grupos e indivíduos com interesses específicos ocultam certos atores, ações e eventos. Trata-se de um tipo particular de esquecimento, mediante o apagamento de rastros.²⁶

Não há como ler esse texto sem aludir ao ataque cotidiano à nossa política cultural, aprofundado com a vitória presidencial de Jair Bolsonaro, o que comprova o argumento central exposto. Também não há como deixar de inferir que a política de esquecimento colocada em prática, durante a redemocratização, nos lançou em meio a uma luta

26 Cf. Conferir p. 161 desse mesmo livro.

pelo enfrentamento da memória, que esgarça, desde o *impeachment* em 2016, os laços sociais e o universo de direitos no Brasil.

Em “Do revisionismo ao negacionismo: pensando uma escrita da história crítica como resistência ao apagamento”, Márcio Seligmann-Silva afirma que o enfrentamento da memória (e do esquecimento) passa pela,

guerra de imagens que incidem sobre nossos corpos e os dominam [e, portanto,] saber organizar o pessimismo construindo um outro campo imagético como espaço corpóreo é uma das tarefas principais da cultura hoje.²⁷

A contiguidade entre os textos de Bentivoglio e Seligmann-Silva é explícita nos assuntos por eles problematizados. Ambos os autores chamam a atenção para o fato de que a deliberada política de esquecimento e as práticas que afligem a vida contemporânea exigem uma ávida resistência no campo cultural. No intuito de tratar dos desafios impostos às Ciências Humanas para a concretização de tal resistência, Seligmann-Silva se propõe a examinar o negacionismo e o que deste subjaz no campo dos Direitos Humanos, baseando-se em duas obras recentemente publicadas: o romance de Bernardo Kucinski, *A nova Ordem*, e a coletânea organizada por Fabiana Rosseaux e Stella Segado, *Territorios, escrituras y destinos de la memoria*.

O artigo de Libertad Borges Bittencourt, “Violência e trauma: a autobiografia de um menino-soldado no Sendero Luminoso”, acompanha a narrativa de Lúrgio Gavilan Sánchez, *Memorias de un soldado desconocido – Autobiografía y antropología de la violencia*, publicada em 2012. Considerando os diversos enfoques que essa autobiografia permitiria revelar, o texto de Bittencourt lida, sobremaneira, com a formação guerrilheira no Sendero Luminoso, apresentando, simultaneamente, o percurso do menino-soldado (narrado pelo antropólogo adulto) e a forja de um cotidiano violento que, na narrativa autobiográfica, aparece naturalizado. Acompanhar a análise da autora nos permite pensar sobre as distinções entre os tempos do acontecimento e do relato; contudo, o que nos parece essencial é desvendar como, com quais recursos e por quais meios, objetivos ou subjetivos, a linguagem se adéqua à naturalização da violência, ao esmaecimento do drama e à acomodação à situação-limite.

27 Cf. Conferir p. 184 desse mesmo livro.

O terceiro eixo, Visualidades e performances traumáticas de arquivo, conta com cinco capítulos, voltados às visualidades, examinando as seguintes manifestações: instalações arquitetônicas (museus), pinturas, fotografias, performances e história em quadrinhos.

Ana Lúcia Oliveira Vilela, em “Pavimentar o chão comum: a utopia melancólica na obra de Doris Salcedo”, abre o conjunto de textos do terceiro eixo com uma incursão à obra da artista colombiana Doris Salcedo, que idealizou o museu *Fragmentos: Espacio de Arte y Memória*, inaugurado em Bogotá, em 2018, como uma expressão do Acordo de Paz assinado entre o governo colombiano e as FARC. Não casualmente próximo à Plaza Bolívar, juntando referências do passado e do presente, o antimonumento – assim concebido e assegurado pela artista – se pretende um espaço vital para a elaboração do trauma. Como nos informa Vilela, “o piso feito da matéria das armas depositadas seria a fundação a partir da qual a arte, a memória e a história devem encarregar-se de tecer o luto, ou seja, de elaborar”.²⁸ Mais uma vez, dialogamos com o tempo presente, ao acompanhar a análise em “Pavimentar o chão comum”. Amparada por Salcedo, a autora nos demonstra como problematizar a memória pública, utilizando-se, até mesmo, de referências divergentes. Ler o texto de Ana Lúcia Oliveira Vilela é repensar, sob nova e arejada ótica, a contemporânea derrubada de estátuas, escapando, oportunamente, às dicotomias e reducionismos, comuns às análises apressadas.

Eliézer Cardoso de Oliveira, em “‘A arte como um funeral’: o quadro *Segunda vítima*, de Siron Franco, sobre o acidente com o césio-137, em Goiânia”, articula discussões ligadas aos estudos de Modernidade e história visual para capturar a percepção sobre o acidente radioativo na pintura de Siron Franco. A obra, que alude a um funeral que não pôde se concretizar, permite tratar das relações entre a dor e o belo. Ao tomar a pintura como elemento central para análise, o texto de Cardoso problematiza a utilização do sublime para a composição da estética da catástrofe, parte fundamental do projeto da Modernidade.

Em “A guerreira está cansada, mas não está morta: a experiência da fotógrafa Rosa Gauditano entre as comunidades indígenas no Brasil (1989-2018)”, Ana Maria Mauad propõe discutir temas ligados à visualidade indígena no Brasil, acompanhando o trabalho da fotógrafa

28 Cf. Conferir p. 240 desse mesmo livro.

Rosa Gauditano. Com uma trajetória de mais de trinta anos junto às comunidades indígenas de todo o Brasil, Gauditano e sua obra assumem a imagem fotográfica como um “gesto político”, com vistas a “configurar o mundo fotograficamente”, conforme defende Mauad. A “autoridade compartilhada” entre fotógrafa e fotografados também se desdobra na reflexão teórica da autora, marcada pelas discussões da história oral, da memória e dos estudos de imagem, e que resulta numa escrita marcada por encontros e num engajamento político a favor de outras formas de narrar a experiência histórica.

Em “As concubinas do Kaiser: ‘re-cordando’ mulheres africanas na eugenia e no suicídio”, Pedzisi Maedza propõe uma vigorosa interpretação da violência europeia, durante a empreitada colonial e imperialista na África do século XIX. Para tanto, o autor se vale das práticas expostas e sensorialmente experimentadas na performance *Exhibit B*, de Brett Bailey. Partindo daquilo que enxerga como “os vestígios do colonialismo presentes na migração e nas relações raciais e materiais contemporâneas”,²⁹ a obra de Bailey postula a permanência da memória colonial em corpos negros. Tem como eixo central a representação do passado colonial, dado a ver e reviver na encenação performática de ambiências e corpos historicamente associados à experiência colonial africana. Categorias como arquivo, *performance* e afeto são trazidas por Maedza para o exame das implicações pós-coloniais da experiência traumática, sem perder de vista a recepção conturbada da exposição entre o público consumidor de arte contemporânea.

A partir da análise de uma história em quadrinhos de Jack Kirby, Alexandre Linck Vargas realiza uma original interpretação da estética daquele que é considerado um dos principais criadores de muitos dos super-heróis da editora *Marvel Comics*. Em “A estética kirbyana e o trauma espacial: geometria barroca de o *Quarto mundo*”, observa-se a mobilização de um aparato conceitual advindo dos campos da História da Arte e do *trauma studies* – mediado pela discussão filosófica de fôlego – para definir a HQ o *Quarto Mundo*, de Kirby, como uma obra neobarroca. Repleta de “superabundância” e “dispêndio”, para Vargas, seu exagero é, pois, disfuncional e indica um objeto perdido, um logos que se faz presente apenas na ausência e na “repetição sem

29 Cf. Conferir p. 316 desse mesmo livro.

fim dos suplementos, puro jogo”. Produzida no contexto da afirmação da marca autoral nas HQs e reconhecida como uma fábula inspirada nas memórias do autor como soldado na Segunda Guerra Mundial, a obra possibilita a Linck Vargas exercitar, na linha de Aby Warburg e George Didi-Huberman, uma leitura atenta a lapsos e intervalos, bem representados graficamente nas HQs por meio dos espaços presentes entre cada quadro, visando recuperar aquilo que identifica como a potência de uma “estética kirbyana”.

Da concepção do projeto desta coletânea até a sua concretização, contamos com a animação e o compromisso intelectual dos colegas que contribuíram com este volume, além do valoroso trabalho especializado das revisoras e dos tradutores. O apoio institucional, advindo do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, foi fundamental para viabilizar a publicação. Avaliamos que a acolhida da proposta, que expressava uma audaciosa empreitada, produziu um retorno qualificado ao campo dos estudos históricos e da arte. A convergência entre os textos e a criatividade, no tocante às abordagens metodológicas, circunscrevem a contribuição de *História e trauma: linguagens e usos do passado*. Esperamos que o leitor nos acompanhe nesta avaliação e que os textos frutifiquem em muitas outras ideias, projetos e escritas.

Referências:

ÁVILA, Arthur Lima de (org.). Hayden White: reflexões contemporâneas. *ArtCultura*, v. 20, n. 37, p. 7-65, jul./dez. 2018. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/issue/view/1800>. Acesso em: 18 ago. 2020.

AZEVEDO, Célia. A nova história intelectual de Dominick LaCapra e a noção de raça. In: RAGO, M.; GIMENES, R. (org.). *Narrar o passado, repensar a História*. 2 ed. Campinas: IFCH/Unicamp, 2014, p. 121-132. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/publicacoes/pf-publicacoes/squid_livro-ideias-2-2a.edicao.pdf. Acesso em: 18 ago. 2020.

BENTIVOGLIO, J.; TOZZI, V. (orgs.). *Do passado histórico ao passado prático: 40 anos de meta-história*. Serra: Milfontes, 2017.

BENTIVOGLIO, J.; OLIVEIRA, J. M. (orgs.). *Marc Bloch: que pedir aos historiadores?* Vitória: Editora Milfontes, 2019.

BERBERT JUNIOR, C. O. Texto, contexto e dialogismo na obra de Dominick LaCapra. In: GONÇALVES, A. T. (et al.). *Escritas da história: intelectuais e poder*. Goiânia: Editora da UCG, 2004, p. 53-70.

BLOCH, Marc. Crítica histórica e crítica do testemunho (1914). In: BENTIVOGLIO, J.; OLIVEIRA, J. M. (org.). *Marc Bloch: que pedir aos historiadores?* Vitória: Editora Milfontes, 2019, p. 57-68.

BLOCH, Marc. *A estranha derrota*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

CARR, David. *Time, Narrative and History*. Bloomington/Indianapolis: Indiana University Press, 1986.

CHAKRABARTY, Dipresh. *Provincializing Europe: postcolonial thought and historical difference*. Princeton: Princeton University Press, 2000.

FELMAN, Shoshana; LAUB, Dori. *Testimony: Crisis of witnessing in Literature, Psychoanalysis, and History*. New York: Routledge, 1992.

FRANZINI, Fábio. Mr. White chega aos trópicos: notas sobre Meta-história e a recepção de Hayden White no Brasil. In: BENTIVOGLIO, J.; TOZZI, V. (org.). *Do passado histórico ao passado prático: 40 anos de Meta-história*. Serra: Milfontes, 2017, p. 329-344.

GAY, Peter. *O estilo na História: Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GINZBURG, Jaime. Theodor Adorno e a poesia em tempos sombrios. *Alea: Estudos neolatinos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, jan./jul. 2003.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. 2 ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HIRSCH, Marianne. *The generation of postmemory: writing and visual culture after the Holocaust*. New York: Columbia University Press, 2012.

HUYSEN, Andreas. *Twilight memories: marking time in a culture of amnesia*. New York/London: Routledge, 1995.

KRAMER, Lloyd S. Literature, Criticism, and Historical Imagination: The Literary Challenge of Hayden White and Dominick LaCapra. In: HUNT, L. (org.). *The new cultural history*. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1989.

LACAPRA, Dominick. *History and Memory after Auschwitz*. Ithaca/London: Cornell University Press, 1998.

LACAPRA, Dominick. História e Romance (1985). *Revista de História*, IFCH-Unicamp, n. 2 et seq., p. 107-124, 1991.

LACAPRA, Dominick. Retórica e História (1985). *Territórios e Fronteiras*, v. 6, n. 1, jan./jul. 2013.

LACAPRA, Dominick. O queijo e os vermes: o cosmos de um historiador do século XX. *Topoi*, v. 16, n. 30, p. 293-312, jan./jul. 2015.

LANDSBERG, Alison. *Prosthetic memory: the transformation of American*

remembrance in the age of mass culture. New York: Columbia University Press, 2004.

LEVINAS, Emmanuel. *Ética e infinito*. Lisboa: Edições 70, 2010.

LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70, 1988.

LYON, Bryce. Marc Bloch: historian. *French Historical Studies*, v. 15, n. 2, p. 195-207, 1987.

NEALON, Jeffrey. *Alterity Politics*. Durham: Duke University Press, 1998.

PINTO, Aline M. Dominick LaCapra: textualidade, empatia e trauma. In: BENTIVOGLIO, J.; AVELAR, A. (org.). *O futuro da História: da crise à reconstrução de teorias e abordagens*. Vitória: Editora Milfontes, 2019, p. 155-178.

WHITE, Hayden. *Meta-história: A imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: Edusp, 1995.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso*. São Paulo: Edusp, 2001.

WIEVIORKA, Annette. *The era of the witness*. Ithaca/London: Cornell University Press, 2006, cap. 3, p. XI-XII.

YAMASHITA, Joui G. *As guerras de Marc Bloch: nacionalismo, memória e construção da subjetividade*. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, 2016.

YOUNG, James. *Writing and rewriting the Holocaust: narrative and the consequences of interpretation*. Bloomington/Indianapolis: Indiana University Press, 1990.